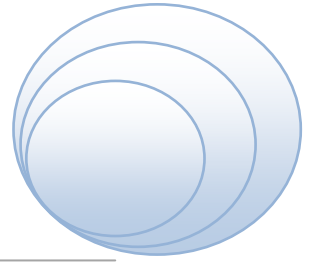


O Childe Harold do Nosso Descontentamento



Manuel Filipe Canaveira

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa | CETAPS

De *Lord Byron* e da sua obra somos levados a pensar, quando “compelidos” a escrever sobre ambos, que já muito se disse e escreveu e, por isso, não seremos nós, leigos na matéria, quem trará alguma novidade que possa realmente interessar à numerosa e já quase bicentenária *coorte* byroniana. Subitamente, porém, descortinamos no rodapé da obra de um insigne escritor português da segunda metade do século XX um texto que, afinal, merece alguma atenção e talvez justifique o nosso interesse.

Para sermos justos, estas linhas têm muito mais a ver com o Estado Novo declinante e a madrugada da revolução do 25 de Abril do que com o inditoso *Lord Byron*, que, nas vésperas de talvez poder cingir a coroa dos helenos, morreu de uma sepsia provocada por negligência médica. Na verdade, no texto literário em jeito de guião televisivo que David Mourão-Ferreira dedica ao *corifeu* da poesia romântica oitocentista inglesa (pelo menos para nós Portugueses, pois para os Britânicos a disputa pela chefia desse “coro” poético conta com outros competidores de peso: Wordsworth, Coleridge, Shelley e Keats), Byron é, por conseguinte, um pretexto para festejar a Liberdade finalmente recuperada, depois de tantos anos e sacrifício

Citação: Canaveira, Manuel Filipe. “O Childe Harold do Nosso Descontentamento”. *O Rebelde Aristocrata. Nos 200 Anos da Visita de Byron a Portugal*. Org. Maria Zulmira Castanheira e Miguel Alarcão. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, 2010, pp. 85-100.



de alguns, pelo povo português. Em *Byron e o Amor da Liberdade*, o “Amor Feliz” que David Mourão-Ferreira pretende abraçar é a liberdade política e cívica, e não tanto as vicissitudes da vida desse herói anti-herói que *Lord Byron* tão bem soube cultivar, para gáudio e desespero de quem com ele privou.

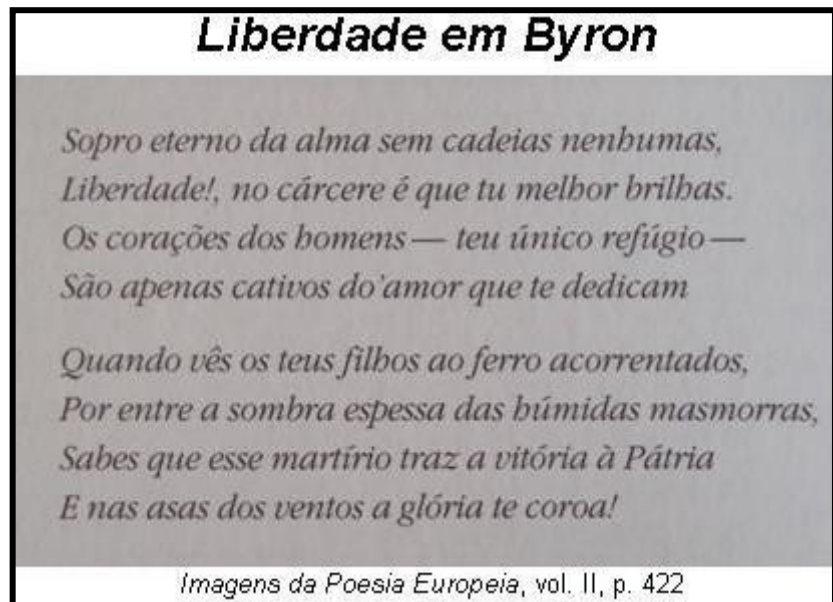
Numa *era* em que a televisão incluía programas culturais no *prime-time* (conceito, aliás, então ainda incipiente), as *Imagens da Poesia Europeia* tinham o seu público fiel, à semelhança de *O Tempo e a Alma* de José Hermano Saraiva ou do *Se Bem me Lembro* de Vitorino Nemésio. O propósito do programa era realizar – em “ambiente” erudito (estante com livros, cachimbo pousado sobre a secretária junto a um livro aberto...) – o percurso histórico da poesia europeia desde a Antiguidade Grega até à Actualidade, pelo menos como ela era entendida durante o Estado Novo, ou seja, os limites cronológicos ficavam-se pelo século XIX ou, na hipótese mais arrojada, pelo dealbar do século XX, porque depois disso, para os censores do regime, a eventualidade de a *acção política* se sobrepor à cultura académica era um risco que o regime – a *Primavera Marcelista* já se esfumara de todo – não desejava correr. Seja como for, o último programa a ser escrito foi dedicado a *Lord Byron* (não averiguámos se chegou ou não a ser emitido), que o apresentador considerava ser *o mais espectacular dos três grandes vultos da segunda “fornada” do Romantismo inglês*, como se lê no roteiro do programa, sabendo nós que David Mourão-Ferreira ponderava dedicar no futuro um programa a Shelley, poeta que, conforme confessa, lhe merecia maior admiração que Byron. A sua vontade de não ficar por ali era, pois, inquestionável. Logo no início do texto, informa o telespectador de que *gostaria de profundamente remodelar em breve* o programa, mas o certo é que não o fez e a explicação para o facto é, sem dúvida, a ocorrência do 25 de Abril de 1974, que teve lugar poucos dias depois do centésimo quinquagésimo aniversário da morte de *Lord Byron* (19 de Abril de 1824). É aliás este facto fortuito, em relação ao planeamento prévio do ciclo de programas *Imagens da Poesia Europeia*, que confere a este último texto do roteiro de David



Mourão-Ferreira um interesse que, a nosso ver, justifica o presente artigo. Na verdade, se na madrugada enevoadada daquela inolvidável Quinta-Feira os carros de combate tivessem ficado nos quartéis, como sucedera nos dias e anos anteriores, bem se pode dizer que o programa sobre Byron seria decerto diferente, pois não seria verosímil que David Mourão-Ferreira transformasse as invectivas dirigidas à rusticidade dos portugueses pelo jovem Childe Harold (um decalque do melancólico e desiludido George Gordon) numa espécie de merecido castigo por tudo aquilo que de facto fôramos e de algum modo ainda éramos na véspera desse dia que nos devolvera aquela mesma Liberdade (veja-se a vinheta *Liberdade em Byron*) pela qual *Lord Byron* tanto lutara, ao ponto de sacrificar a própria vida:

O primeiro canto do poema reveste-se, para nós outros, Portugueses, de um interesse muito especial, visto que nele Byron (ou Haroldo?) refere as suas impressões de Portugal, onde efectivamente o poeta esteve em 1809; e, como se sabe, as suas impressões

sobre a paisagem são excelentes, mas extremamente negativas acerca dos habitantes.



Mas, a este

respeito, recorde-se – como sublinhou Jorge de Sena – que Portugal visitava ele: a corte fugida no Rio de Janeiro, o país ocupado pelas tropas inglesas e devastado pelas invasões francesas, e com o

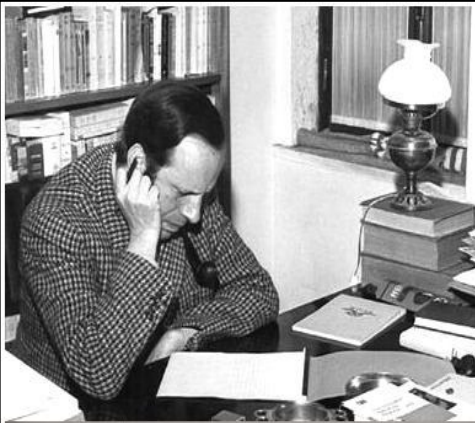


Antigo Regime ferreamente mantido”. Por conseguinte, longe estava Lord Byron de prever, nessa altura em que nos visitou, que Portugal ressurgiria, pouco mais de dez anos depois, com o triunfo das ideias liberais. Por isso mesmo, o quadro que ele então traçou dos Portugueses – com tudo o que tem de negativo – deve principalmente entender-se (e bem conhecemos todos semelhante imagem) como a imagem apenas do que o nosso país é – ou pode parecer – nos funestos períodos em que se vê privado das liberdades essenciais. E, como tal, creio que constitui, hoje mais do que nunca – uma seríssima advertência a que evitemos, a todo o transe, a possibilidade de voltarmos a cair nos erros passados. (Mourão-Ferreira 420)

A natureza intrinsecamente política desta advertência é manifesta. A menção às *liberdades essenciais* e, sobretudo, a alusão ao ressurgimento pátrio com o *triunfo das ideias liberais* após a Revolução de 1820, indica claramente que a preocupação maior de David Mourão-Ferreira, no momento em que escreve sobre *Lord Byron*, não é dar a conhecer aos telespectadores as opiniões do afectado Childe Harold acerca dos portugueses de Oitocentos, mas sim manifestar a sua inquietação pela conjuntura política que se verifica no país naquela ocasião. Tal concessão ao combate político-ideológico num tradicional programa cultural de cariz histórico-literário só é justificável se atendermos às condições excepcionais do momento histórico português no biénio de 1974-1975 (o chamado PREC), o qual, e David Mourão-Ferreira já estava bem ciente do facto logo nas primeiras semanas após o 25 de Abril, passou a exigir uma outra abordagem da poesia, diversa daquela que até então, noutra *status quo* político e social, lhe fora “permitido / tolerado” realizar em televisão (veja-se a vinheta *Grande momento histórico*).



Sabemos que o texto do programa dedicado a Byron foi escrito entre Maio e inícios de Julho, pois, no final do texto, David Mourão-Ferreira diz-nos que a Grécia – *outro grande pequeno povo europeu* por cuja independência Byron deu a própria vida, conforme sublinha – ainda *se encontra sob uma inumana e férrea*



Grande momento Histórico

Além disso, no grande momento histórico que atravessamos, outras serão, naturalmente, para além destas, as formas de poesia ou as perspectivas sobre poesia, que mais interessa difundir. Quanto a mim, gostosamente me limitarei, neste momento, a recordar ou a reiterar o que este programa sempre constituiu para mim: apenas mais um meio, entre tantos outros, de divulgar poesia de várias épocas e de vários povos, sem preconceitos de nenhuma espécie; apenas mais um meio, entre tantos outros, de tentar comunicar o gosto pela poesia, de tentar transmitir em suma — através de traduções de poesia — a exaltante e maravilhosa diversidade de vozes livres que se têm exprimido em outros idiomas. E, sob esse aspecto, este programa foi — tem sido — apenas um episódio numa actividade muito mais ampla, que de longe o transcende.

Roteiro *Antologia da Primavera*, in *Imagens da Poesia Europeia*, vol. II, p. 395

ditadura (Mourão-Ferreira 422). Ora, a queda do ominoso regime dos coronéis deu-se em 15 de Julho de 1974 (desembarque de tropas turcas no norte de Chipre) e, assim sendo, o breve período indicado é irrefutável e deveras importante de ser determinado, porque nos permite perceber que David Mourão-Ferreira, na altura director do vespertino lisboeta *A Capital*, antevia já – no exórdio do PREC, assinala-se – a radicalização política que se seguiu ao 28 de Setembro de 1974 e que atingiria o seu auge entre o 11 de Março e o 25 de Novembro de 1975.

São esses os perigos que pretende esconjurar, servindo-se, para o efeito, de Childe Harold, esse menino mimado gerado pelo espírito irrequieto do sexto Barão de Byron. Vistas bem as coisas, o Gordon / Harold que se



LORD BYRON

com 15 anos (1803), seis anos antes de visitar Portugal.

CHILDE

The title comes from the term *childe*, a medieval title for a young man who was a candidate for knighthood.



permite *discretear* sobre o temperamento dos portugueses não passa de um jovem petulante (tinha vinte e um anos em 1809) que talvez merecesse as bordoadas que o ofendido articulista de *O Espectador Português* reservava em 1816 ao alemão Heinrich Friedrich Link por ele ter feito considerações menos elegantes sobre a idiosincrasia das gentes lusitanas:

Os mesmos insaciáveis livreiros dizem que nunca venderam mais livros: parece que o estudo da moda, é correr rapidamente um grande número de volumes; parecem-me estes viajantes ricos que saem de Inglaterra a galopar pelo mundo, correndo seca, e Meca; nem conhecem os costumes dos povos, nem aprendem as suas leis. Como um tal Linckzinho que andou aqui pela nossa terra, homem que eu tomara cá pilhar outra vez, que eu o faria lembrar melhor do que viu enquanto lhe lembrassem as costelas despedaçadas, cada página dos três volumes é uma feira de mentiras. (*Espectador Português*, n.º 24, 1816)

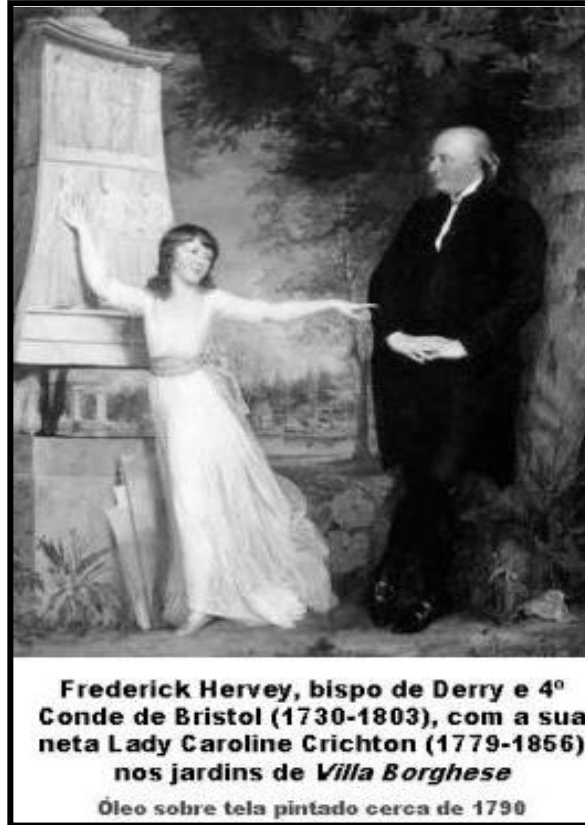
Era precisamente esse o grande defeito de muitos aristocratas do *Grand Tour*. Na verdade, a esmerada educação aristocrática dos finais do século XVIII, de inspiração iluminista, criou na elite social europeia, mormente na inglesa – onde a aristocracia não sentia tanto o freio da autoridade pública (porque era ela o *Estado* e não o monarca; ver Anexo 1) –, alguns “monstros” egocêntricos dominados pelo “orgulho e preconceito” (ver Anexo 2). Há dias, observando demoradamente um belo quadro de Hugh Douglas Hamilton (1740-1808) existente na Galeria Nacional da Irlanda (Dublin), dei comigo a pensar sobre esses jovens filhos da oligarquia protestante irlandesa (fiéis servidores do poder quasi-colonial da coroa britânica na “ilha do lado”) que iam a Roma brincar entre as ruínas da Antiguidade Clássica, enquanto as crianças católicas, esfomeadas, trabalhavam de sol a sol ao lado dos seus pais. Quantos “mundos” deveriam achar esses adolescentes ricos que os separava dos paupérrimos camponeses (ver Anexo 3)? Seriam decerto incontáveis e,



por isso, viviam noutra universo, sem sequer serem molestados por uma consciência social – utópica ou filantrópica, ao menos – que só apareceu com o conde de Saint-Simon, Proudhon, Dickens ou Owen (ver Anexo 4).

Vistas as coisas sob este prisma, talvez se perceba melhor a definição que os próprios críticos literários nos dão do herói byroniano:

Often the Byronic hero is moody by nature or passionate about a particular issue. He also has emotional and intellectual



capacities, which are superior to the average man. These heightened abilities force the Byronic hero to be arrogant, confident, abnormally sensitive, and extremely conscious of himself. Sometimes, this is to the point of nihilism resulting in his rebellion against life itself. In one form or another, he rejects the values and moral codes of society and because of this he is often unrepentant by society's standards. Often the Byronic hero is characterized by a guilty memory of some unnamed sexual crime. Due to these characteristics, the Byronic hero is often a figure of repulsion, as well as fascination. <<http://www.umd.umich.edu/casl/hum/eng/classes/434/charweb/CHARACTE.htm>>



É melhor parar por aqui, ou arrisco-me a imitar David Mourão-Ferreira e, em vez de escrever sobre um programa televisivo dedicado a Byron escrito em 1974, disserto sobre 1809 a pensar na crise social de 2009. Não é esse o objectivo deste artigo, como é evidente, mas, e isso ainda é *mais evidente*, não há meio de escapar à maldição benjaminiana de perscrutar no passado aquilo que nos importa – neste caso, *aflige* – agora (ver Anexo 5).

E o que nos atormenta nos dias que correm não é o perigo de os excessos revolucionários jugularem a *Liberdade*, mas sim o de os novos “heróis” renascidos da especulação que ditou a crise financeira recente aproveitarem a crise económica actual para reverterem o pouco de *Igualdade* social e o quase nada de *Fraternidade* humana alcançados em dois séculos à custa de duras lutas e conflitos hediondos.

ANEXO 1

To say English political and legal institutions favoured the propertied and privileged is truistic. More significantly, they formed a suit of legal armour protecting and empowering the already independently weighty body of the propertied, particularly in the localities. Georgian England had no autonomous absolutist centralised “state”, staffed by a distinct *Stand* of bureaucrats, cutting across their interests – that was exactly what the landed orders had quashed in the previous century. Yet precisely because the “state” as an independent being had been attenuated, it was possible for divers groups to use public institutions such as the law for various own ends, and also for new bodies (as in local government) to remained piecemeal and dispersed, allegiances in flux. While parish control could be oppressive, the eighteenth-century central state was lax, a beanfeast to those in power, more than a tyrant lash upon the backs of the ruled. Its more grievous exaction was



taxation, and since England's productive classes were multiplying and wealth was increasing, this was a burden the grumbling hive could bear.

(Porter 134)

ANEXO 2

Few people seem to realise how charming and peculiar the Age of Scandal was. We have to dismiss so much from our minds before we can crawl inside theirs: before we can picture the powdered gentlemen in silks and laces, with their jewellery and the swords which they were ready to draw, with their sedan chairs and lap-dogs and immense bets and deep potations. One of the commonest words about male clothes, in the letters of the reprobate Duke of Queensberry, was 'pretty'. One of his presents to the Prince Regent was a muff. Among the commonest *reactions* from readers and playgoers was that of tears. They adored their dogs and sent them tender messages in their letters. They were emotional about their friends, catty about their enemies, unusual in their hobbies and singular in themselves. They were perhaps the first people in English literature to be real enough for gossip.

(White 26)

The learned, elegant, but at the same time vigorous attitude to every facet of life had been shadowed forth by the gossips and cranks like Lord Hervey under the earlier Georges: it reached its height with Walpole: and persisted at least during the lifetime of Lord Byron – a Lord, incidentally, who sorts rather oddly with the "Romantics" to whom he is usually assigned – whose *forte* was on the contrary in satire, whose letters were among the best of his works, who detested the shoddy raptures of Keats, who said of Horace Walpole, "my aristocracy, which is very fierce, makes him a favourite of mine"



– and the destruction of whose memoirs, by the pseudo-poet Moore, was one of the major tragedies of anecdotal literature.

(*Ibidem* 41; ver Anexo 6)

Another way of learning to meet the undoubtable ills of life was by pugilism. The snob Byron was proud to be seen in the company of a great boxer, Gentleman Jackson, his “old friend and corporeal pastor and master”, who had taught him the noble art. The respect paid to his fighter was sufficient to astonish Moore. Jackson’s claims to fame were that he could lift 10 ¼ hundred weight, could sign his name with an eighty-four poundweight tied to his little finger, and that he had been employed as bodyguard at the coronation of Florizel, with eighteen other prizefighters dressed as pages.

(*Ibidem* 83-84)

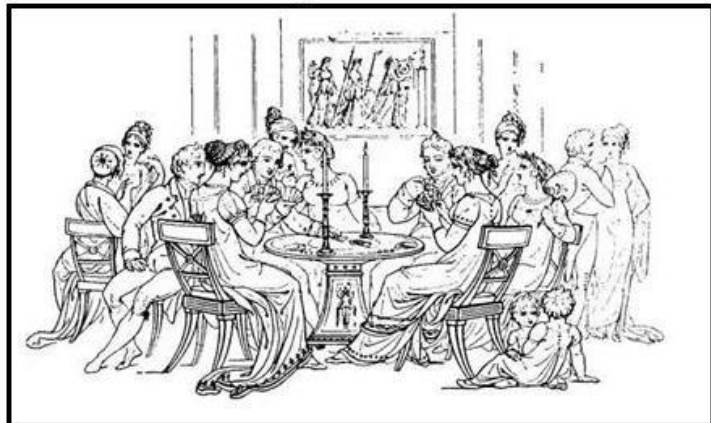
In the Age of Scandal the eminent *frisson* was incest. Horace Walpole wrote a book about it: Byron was thought to have committed it and so was Franklin: in *Vathek* there was a suppressed chapter concerning it: de Sade of course investigated it: the bluestockings spoke of it with bated breath: Shelley wrote a play about it, and a sister of the great Lord Chatham was notorious for this peccadillo.

(*Ibidem* 213)

ANEXO 3

The Georgian age did not witness any dramatic transformation of the social structure, rather a gradual

Industry and Idleness





change. Several groups swelled in importance – especially the capital-deploying trading classes and the proletarianised poor – but the league table of wealth and status, headed by great landowners, was much the same in 1800 as a century earlier. The complex fabric, in which social power was compounded of many factors, including family, clientage, privilege, inheritance, status, occupation, and regional, political and religious connections, had by no means boiled down by 1800 into a society where clear-cut class armies glowered at each other across industrial battlefields. So long as landowning remained profitable as well as prestigious, there was no prospect of upset at the top; below, so long as mass concentrations of workers remained highly exceptional and the Poor Law regulated rural society, there was no imminent threat to stability. Limited access to upward mobility and the rise in tandem of aggregate wealth and social pretensions ensured that the social order neither collapsed nor was overthrown.

(Porter 93)

ANEXO 4

Essa consciência chegou, aliás, bem tardiamente, quando os efeitos devastadores da miséria urbana na Inglaterra da segunda metade de oitocentos já atingira proporções inimagináveis para qualquer ingênuo entusiasta da virtuosidade do *equilíbrio de poderes* e dos efeitos da *rivalidade comercial* de inspiração humeana. A *mão invisível* de Adam Smith funcionou, afinal, de forma bem perversa; à *Riqueza das Nações* opunha-se a *Pobreza dos Povos*, ou, numa visão mais empírica, a *Riqueza da Nação inglesa* contrastava com o infortúnio de galeses, irlandeses, escoceses e ingleses recém-chegados a Londres e amontoados em condições infra-humanas no *East End*, como no-lo mostra uma pungente descrição datada de 1883 da autoria do Rev. Andrew



Mearns, intitulada *The Bitter Cry of Outcast London: An Inquiry into the Condition of the Abject Poor*.

<http://www.archive.org/stream/bittercryofoutca00pres#page/n3/mode/2up>

ANEXO 5

No decurso da exposição oral deste artigo no colóquio comemorativo do bicentenário da visita de *Lord Byron* a Portugal surgiu, durante o debate que se seguiu à comunicação, a dúvida se eu não estaria a desconsiderar David Mourão-Ferreira enquanto divulgador de temas literários ao afirmar que ele, neste seu programa, tomara como pretexto a obra de Byron para fazer “propaganda” política, o que não seria muito curial para um intelectual da sua estatura, embora seja certo que muitos, nesses anos de 1974-1976, com igual prestígio literário, se prestaram a desvarios dos quais depois se arrependeram publicamente ou, “prudentemente”, calaram.

Mas não é esse o caso. Longe de mim a intenção de fazer julgamentos precipitados sobre pessoas que viveram uma época de súbitas mudanças de “ser” e de “vontades” nem sempre fáceis de assimilar pelas nossas mentes inquietas.

O objectivo primacial deste pequeno ensaio é, por conseguinte, não o de julgar quem quer que seja, mas sim demonstrar, uma vez mais, que o passado histórico é sempre descrito pelo observador em função das suas interrogações no presente. No decurso da nossa vida, as transformações sociais, económicas e culturais por que passamos, bem como as sucessivas visões do futuro que ela nos dá, mudam constantemente o questionário a que submetemos o *Passado Histórico*. No PREC buscavam-se nesse passado as incidências da “realidade histórica” que as ideologias em confronto buscavam para se legitimarem a si próprias e deslegitimarem as rivais; hoje faz-se o



mesmo, mas buscam-se nos tempos idos outras realidades, até há pouco esquecidas ou subalternizadas.

Esse facto em nada retira cientificidade à História. Os factos históricos estão devidamente atestados por uma metodologia adequada e, nos termos que hoje usamos (os quais na sua maioria não me seduzem, talvez por se terem tornado *clichés*), podemos afirmar estarem devidamente *certificados* pelas várias ciências auxiliares da História.

Mas a História não é apenas, em meu entender, um exercício heurístico e hermenêutico, embora sejam essas actividades do intelecto que lhe conferem o rigor científico possível. Na verdade, é imperioso considerar o valor historiográfico intrínseco das correntes históricas que, em boa parte, são tributárias de um âmbito de reflexão sobre o significado da História que a generalidade dos historiadores tendem a desdenhar; refiro-me à *Teoria da História*, que, no fundo, é quase só Filosofia da História.

É nesse plano que nos devemos colocar para avaliar a atitude de David Mourão-Ferreira, que, não sendo historiador mas sim crítico literário, possuía neste domínio vantagens evidentes sobre os historiadores “encartados”, porque os estudos literários são mais sensíveis à questão da consciência histórica individual de inspiração proustiana.

A ressurreição do passado no presente, objectivo primeiro do historiador profissional, fá-lo por vezes minimizar algo que influi de forma determinante no seu discurso historiográfico, que é a consciência do Hoje; ou seja, essa confluência das memórias das gerações passadas que é reelaborada pela sua própria geração, também ela detentora da sua memória histórica.

Esta *actualização do Passado e do Futuro*, feita no *Presente* (as três dimensões do Tempo Histórico), é necessariamente política e, por esse motivo, como intuiu Walter Benjamin, é objecto de uma escolha em que o historiador “salva do esquecimento”, em função dos seus objectivos pessoais e condicionalismos sociais e culturais, factos históricos antes esquecidos ou menosprezados mas que, à “luz do seu presente”, adquirem novo significado e importância. (Vd. Mosés 201-263.)



É neste plano que deveremos avaliar o programa televisivo de David Mourão-Ferreira sobre Byron e a Liberdade.

ANEXO 6

Não foi a arraia-miúda portuguesa a única a sofrer os motejos do jovem Byron. Os “insultos” e frases jocosas foram distribuídos a eito por este *dandy* romântico totalmente identificado com o ambiente mexeriqueiro reinante na alta sociedade da *Regência*. Não perdoou sequer o defunto William Pitt, para o qual compôs o seguinte epitáfio: “With death doomed to grapple / Beneath this cold slab, he / Who lied in the Chapel / Now lies in the Abbey” (McPhee I, 22).

John Keats mereceu-lhe a seguinte diatribe: “Here are Jonny Keats’ piss-a-bed poetry, and three novels by God knows whom ... No more Keats, I entreat: flay him alive; if some of you don’t I must skin him myself: there is no bearing the drivelling idiotism of Mankind” (*ibidem* 53-54). Mas talvez não fosse Keats o problema de Byron, mas sim o seu afectado hipercriticismo, pois só assim se entende que se tenha tornado o cavaleiro andante da sua memória quando a viu ultrajada no *Quarterly*: “Who killed John Keats? / ‘I’, says the Quarterly, / So savage and Tartarly; / ‘Twas one of my feats” (*ibidem* 55).

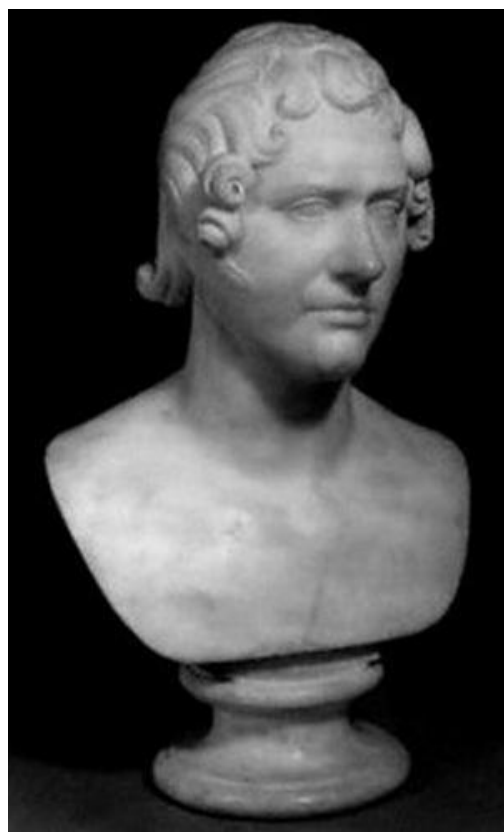
O *Bumper Book of Insults* colige ainda mais algumas tiradas do género, contra Wordsworth, William Cobbett, Castlereagh e, até, o *Founding Father* John Adams (2.º Presidente dos EUA). Contudo, a reputação do *gentleman* Byron também sofreu os seus remoques, como o do seu contemporâneo Walter Savage Landor, crítico irascível que, neste caso, não deixou de dar, com refinada maldade, um tiro certo: “Byron dealt chiefly in felt and furbelow, wavy Damascus daggers, and pocket pistols studded with paste. He threw out frequent and brilliant sparks, but his fire burnt to no purpose; it



blazed furiously when it caught muslin, and it hurried many a pretty wearer into an untimely blanket” (*ibidem* II, 83).

Mas a melhor definição saiu da pena de um vindouro, Max Beerbohm: “Byron! – he would be all forgotten today if he had lived to be a florid old gentleman with iron-grey whiskers, writing very long, very able letters to *The Times* about the Repeal of the Corn Laws” (*ibidem* I, 57).

Com efeito, esse “velho Byron”, caso tivesse existido, teria pouco a ver com o garboso herói clássico retratado por Bartolini em 1822.



BYRON

Busto de mármore esculpido por Lorenzo Bartolini (1822)

National Portrait Gallery - Londres



Obras citadas

McPhee, Nancy. *The Bumper Book of Insults*. London: Chancellor Press, 1993,
2 vols.

Mosés, Stéphane. *L'Ange de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 2006.

Mourão-Ferreira, David. "Imagens da Poesia Europeia – II. Roteiro dos
programas de televisão da autoria de David Mourão-Ferreira",
Colóquio-Letras, n.º 168/169, Julho-Dezembro 2004.

O Espectador Português. Jornal de Literatura, e de Crítica. Lisboa: Ed.
Impressão Alcoba, 1816.

Porter, Roy. *England in the Eighteenth Century*. London: Folio Society, 1998.

White, T. H. *The Age of Scandal*. London: Folio Society, 1993.

<[http://www.umd.umich.edu/casl/hum/eng/classes/434/charweb/CHARACT
E.htm](http://www.umd.umich.edu/casl/hum/eng/classes/434/charweb/CHARACT
E.htm)>

<[http://www.archive.org/stream/bittercryofoutca00pres#page/n3/mode/
2up](http://www.archive.org/stream/bittercryofoutca00pres#page/n3/mode/
2up)>